CAMÕES
GRÁNDI NA NAÇÁM

EDIÇÃO DA FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

MACAU

CAMÕES, GRÁNDI NA NAÇÁM

— DIALECTO MACAENSE —

Páginas Antigas
Livraria

COMPRA, VENDA E TROCA
LIVROS, COLEÇÕES, DISCOS
E CD'S USADOS

Rua 4, com Rua 9 nº 870, Centro,
CEP 74025-020 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3223-5803 - Fone/Fax: (62) 3229-0963
livraria@paginasantigas.com.br
www.paginasantigaslivraria.com.br

PRIMEIRA PARTE

LUÍS VAZ DI CAMÕES

SEGUNDA PARTE

POESIA EM «PATOIS»

JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA

CAMÕES
GRÁNDI NA NAÇÁM

— DIALECTO MACAENSE —

OBRAS DO AUTOR

CAMÕES, GRÁNDI NA NAÇÁM

— DIALECTO MACAENSE —

OBRA EDITADA PELA FUNDAÇÃO Á-MÁ-KOK, COM O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA CULTURA

DO MESMO AUTOR:

ESCANDINÁVIA, REGIÃO DE ENCANTOS MIL

MACAU SÃ ASSI (DIALECTO MACAENSE)

QUI-NOVA, CHENCHO (DIALECTO MACAENSE)

PAPIÁ CRISTÁM DI MACAU

EPÍTOME DE GRAMÁTICA COMPARADA
E VOCABULÁRIO

EM PREPARAÇÃO:

POÉMA DI MACAU (DIALECTO MACAENSE)

NHUM VÊLO (DIALECTO MACAENSE)

Aos meus queridos filhos Rita e José
e netos Cláudia, Gabriela e Francisco José
dedico este meu modesto trabalho.

O AUTOR.

A todas as comunidades portuguesas espalhadas pelas sete partidas do Mundo, pedindo-lhes que guardem Portugal sempre no coração, dedico também este trabalho.

O AUTOR.

INTRODUÇÃO

«Os velhos, quando se voltam para o passado, vêem tudo com os olhos dos vinte anos». (Júlio Dantas)

O dialecto macaense, começado a ser usado há mais de três séculos pelos nossos antigos, tende infelizmente a extinguir-se. Nunca, portanto, será de mais tudo o que pudermos fazer no sentido de lembrar a sua realidade ou, melhor dizendo, assinalar a sua passagem na existência de Macau. Será, certamente, «papiando» e cantando, recordando e escrevendo que conseguiremos fazer algo nesse sentido.

A conclusão a que historiadores e filólogos têm chegado é de que os portugueses de Macau daqueles tempos tiveram de criar o seu dialecto por força de circunstâncias. Não havia em Macau quem lhes ensinasse o idioma pátrio, nem meios que lhes permitissem qualquer forma de aperfeiçoamento. Então, antes ter um dialecto seu que comunicar entre si em chinês ou noutra língua.

O «patois» de Macau é um curioso fenómeno étnico que muitos compreendem com certa dificuldade, mas que todos quantos conhecem e amam Macau aceitam com entusiasmo, com carinho e sem aversão. É preciso não esquecer que o aparecimento do dialecto macaense, as suas raízes e a maravilha da sua formação étnica estão intrinsicamente ligados à criação de Macau. O dialecto, em vias de extinsão embora, constitui

ainda hoje um dos elos espirituais mais valiosos que ligam o presente ao passado. Ele identifica-se com a nossa gente doutros tempos, pela sua doce índole, seu chiste, perspicácia, espírito jovial e hospitaleiro. O dialecto personifica o bom e antigo macaense, português dos quatro costados.

Este livro constitui mais uma modesta contribuição nossa para a divulgação do «patois» de Macau.

Não temos veleidades de mostrar que tudo sabemos acerca do dialecto, nem pretensões de patentear conhecimentos de natureza filológica que não possuímos. Apenas gostamos do «patois» de Macau, porque ele nos fala ao coração e nos faz sentir felizes com recordações do passado, passado tranquilo e alegre, passado saudoso da nossa meninice e dos nossos entes queridos.

Queremos, além disso, contribuir, tanto quanto nos seja possível, para que o aliciante dialecto dos nossos antepassados continue lembrado e se não perca na poeira do tempo, como se perderam já, inteiramente esquecidos, tantos e tantos regalos e preciosos bens espirituais e materiais desta nossa linda terra de sonhos, que é Macau.

É-nos imensamente agradável podermos integrar nos encontros das comunidades portuguesas um bocadinho do dialecto de Macau, este cantinho de Portugal, distante mas jamais esquecido.

À prestigiosa Fundação Á-Má-Kok e ao Ministério da Cultura ficámos devendo a oportunidade proporcionada. Para eles, e dum modo particular para o nosso estimado amigo Rogério Ferreira Monção Leão, a expressão do nosso profundo reconhecimento.

José dos S. Ferreira

BREVE EXPLICAÇÃO

O «PATOIS» DE MACAU

— Pelo Revd.º Pe. Manuel Teixeira —

Foi João Feliciano Marques Pereira o primeiro que se ocupou a fundo do dialecto macaísta numa série de artigos na sua revista *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, uma espécie de antologia, com o título: «Subsídios para o estudo dos dialectos crioulos do Extremo Oriente — Textos e notas sobre o dialecto de Macau».

Ultimamente, o Dr. Leopoldo Danilo Barreiros e a Dr.ª Graciete Batalha ocuparam-se também do assunto, mas limitaram-se a comentar o material existente sem nada produzirem de novo.

Hoje, porém, temos felizmente em Macau um homem que maneja o «patois» local não só com conhecimento de causa, mas com um à-vontade impressionante. É o Sr. José dos Santos Ferreira.

Neste «patois», além de vocábulos portugueses estropiados, entra uma salada russa de palavras malaias, chinesas, inglesas, indianas e até espanholas.

Marques Pereira, ob. cit., Vol. I, pg. 55, distingue três formas de «patois»:

1) O macaísta cerrado ou macaísta puro (se assim se pode chamar) e que é o mais interessante, sendo falado sobretudo pelas classes baixas. Exemplo:

Pramicedo vêm padêro
Tudo qui têm vendê;
Cada unga cinco sapeca
Vai logo na cofre enchê.

Justo quando olá vêm pobre
Três sapeca logo dá;
Sua ropa um pôco vêlo
Pã pobre nádi negá.

2) O macaísta modificado pela tendência a aproximar-se do português corrente, usado pela gente mais polida, em contacto com os metropolitanos. Exemplo:

Já intrá anno novo, mutu bom anno, filicidade, vida, saude para vôs, marido e tudo criança. Nosso senhôr deçá criá. Eu ta mutu lembrá para vós, querê mandá un pôco de alúa, mas nompôde, paciencia. Masqui nompôde, acetá bom vontade d'este vela chacha qui mutu querê pra vôs.

3) O macaísta falado pelos chineses. Exemplo, tirado de «Macau Sã Assi» de José dos Santos Ferreira: «Quelóra iou ta negoxá na Macau, tudo dia pramicedo pegá lata corê casa-casa vendê merenda. Têm bôm-bôlo-minino, bôlo marm're, cabelo-noiva. Têm apa-múchi, bicho-bicho, ladú... Tamêm têm apa-bico, chilicote-fólia, bibinga-rabo, coquéra...
Nunca sã bóca-grándi, mas iou sã capaz cuzinhá pi-tisquéra di Macau, j'olá?
Vaca-mínchi, vaca chacháu margôso, pêsse cucús, porco balichám-tamarinho, galinha chacháu parida, laia-laia chacháu, tanto ancusa iou sá fazê, qui ilôtro bêm di gostá».

Santos Ferreira publicou esta obra «Macau Sã Assi» em 1967. Neste fim do ano de 1973, acaba de nos brindar com outra, em prosa e verso, legendada «Qui-nova, Chencho», em cuja Introdução diz: «*Macau sã assi* já granzeá tánto bom ôlo, nunca cai na putau. Manéra quelê-môdo tudo já gostá, sã más grándi paga qui iou pôde achá, cavá matá-morê co acunga livro. Seléa bom fim, já fazê iou azinha isquecê tudo canséra; já fazê iou

isquecê ramatá tudo babuzéra co papiaçám di quánto má-língu capaz atirá pedra iscondê mám...»

«Hoze iou já fazê sai «Qui-nova, Chencho». Estunga asnéra sã unga continuaçám di acunga na-más. Iou torná vêm damostrá nosso dóci papiá cristám, qui antigamente tudo ora têm pa uví na Macau, tera quánto-cento vez di Portugal».

Para o leitor apreciar o linguajar macaísta, leia alguns dos versos que, sob o título «Dia di Portugal», Santos Ferreira publicou em «Macau Sã Assi»:

Non têm cristám qui non sabe
Quim sã Luís «Cacai» Camões.
Non têm posia más suávi
Qui posia di Camões.

Camões sã unga letrado
Bêm capaz di Portugal;
Naçám já ficá falado,
Di sala atê quintal.

Camões, «Príncipe di Péta»,
Divéra sã grándi hóme.
Su ôlo já cai na Cêta,
Êle sã já passá fome.

Quelóra vai Portugal,
Camões já ficá cholido;
Bulí co córte rial,
Na grádi ficá capido.

«Lusíadas» sã su glória,
Sã hónra di nôs cristám.
Ali têm tánto estória,
Di nôs-sua grándi naçám!

Índia Camões já vai,
Macau, cavá virá vêm.
Na grádi torná já cai,
Tánto consumiçám têm.

Na Goa bulí co guéra,
Na Macau posia fazê.
Cavá torná vai su tera,
Más trabalo já sofrê.

Santos Ferreira vibra de patriotismo ao falar da sua querida terra, Macau, em «Qui-nova, Chencho»:

Vôs sã, Macau, jardim di Portugal,
N'estunga vánda di Mundo semeado,
Como vôs, non-têm ôtro más lial!

E enaltece a bondade do coração da mulher portuguesa, escrevendo:

Coitado sã quim di pobréza sai,
Na su pobréza têm qui continuá,
Más non-têm qui calôr d'amôr di mai.

Unde têm unga nhónha portoguésa,
Quánto incacho, colcha logo olá,
Pa amôr fazê isquecê tudo pobréza.

Em «Filo-filo di Macau» ergue um hino a este pequeno gigante:

Quelóra iou pensá qui-foi Macau
Tera qui sã divéra piquinino,
Masqui na tempo bom, masqui na mau,
Grándi já ficá, pôde cantá hino;
.....

Quelóra iou pensá, sã lôgo vêm
Na lembránça qui tud'ora guardá,
Filo-filo bom qui Macau sã têm,
Qui tudo fazê, pa su tera honrá.

Vamos, finalmente saborear o chiste destes versos extraídos de «Nôsso Macau di Agora»:

Govérno cavá pensá,
Na mar ergí unga pónti,
Cámara corê orná,
Su Senado c'unga fónti.

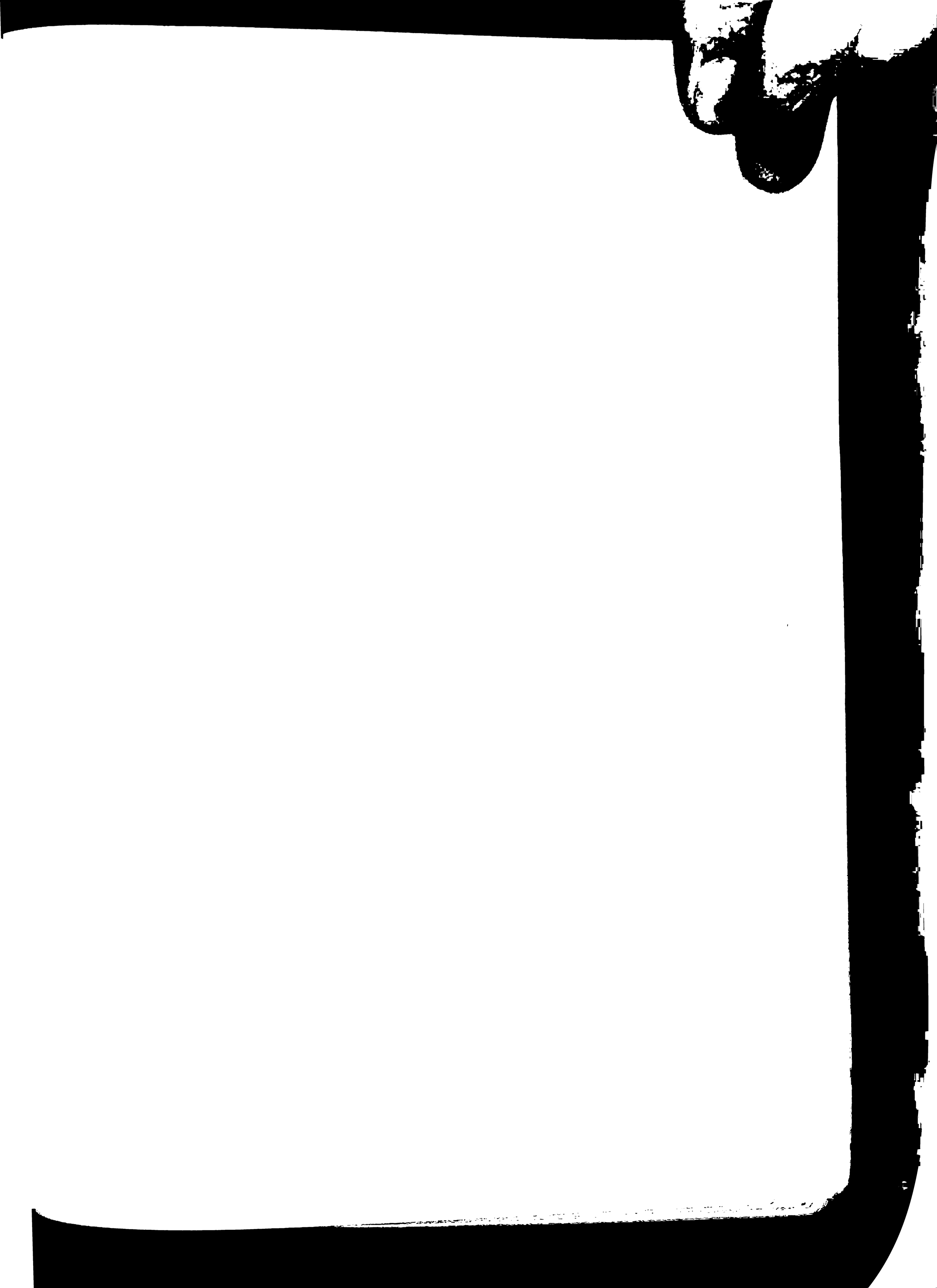
Cámara azinha abrí,
Fónti na dia di Sám Juám;
Gente di susto fuzí,
Pensá mar ta furá chám!
.....

Tánqui na básso ampará
Tud'águ qui ta corê.
Non-mestê nhu-nhum lembrá
Vai tánqui lavá su pê.

Pónti masqui-seza grándi,
Na meo di mar lôgo empê.
Subí vánda di Prai Grándi,
Na Taipa azinha decê.

Co seléa compridám,
Sã têm-qui metê respêto.
Nhum tudo ora abrí chám,
Chuchú fero drêto-drêto.

Si intrá torto qui ramêde,
Nôs lô ficá sim consérto!
Na basso sã mato fêde,
Na riva sã cêu aberto.



PRIMEIRA PARTE

Luís Camões sã nómi esquivido
Co ternura na nôsso coraçám,
Lembrado co doçura na uvido.

LUÍS VAZ DI CAMÕES

(Alocução proferida na Rádio Macau, por ocasião das comemorações do 4.º Centenário da morte de Camões)

Cuza nôs sabe di Camões? Quánto ancuza nôs sabe di su vida? Pa falá verdade, bêm di pôco.

Camões, nacido pobre, já vivo pobre; morê más pobre, pinchado na miséria; êle já juntá unga riquéza quelê grándi, unga riquéza qui quánto milhám di gente juntado nádi pôde gastá; olá, nunca sã fáci isvaziá unga fortuna assi grándi! Camões já dá pa língu di nôsso povo tudo riquéza qui unga povo pôde ánsia querê; língu inchido di lindéza, perfeçám, chiste, co sabedoria; língu burifado di amor co ternura.

Nunca fáci achá unga posia na língu di nôsso Pátria sim unga tiz di luz camoniáno, co tudo su brandura co suavidade.

Fora di nôsso coraçám, ninguim sabe certo únde Camões já nacê, únde êle já vai prendê tudo ancuza assi bem-fêto. Nôs somente sabe qui êle já isquevê quánto-cento posia di valor assi alto, qui fazê mundo intéro adimirá. Na su «Lusíadas», estunga poéma di Pátria, Camões onçôm cantá tudo glória di passado di nôsso quirido Portugal; mundo novo qui Portugal já dá pa mundo.

«Têm aqui parte novo na Oriente,
Qui vosôtro agora pa mundo ta dá;
Abri porta pa grándi mar medonho,
Unde co pêto forte vosôtro ta navegá.»

Camões já botá na boca di Vasco Gama tánto papiaçám inchido di carinho pa su Pátria:

«Têm aqui, perto di riva di cabéça
Di Eropa intéro, Rêno Lusitáno;
Aqui, tera acabá pa mar começá;
Aqui, Sol discansá na Oceáno...»

.....

«Sã estunga Pátria filiz qui iou assi querê!
Si Ceu dessá iou, livrado di perigo,
Voltá vai ali co estunga siviço acabado,
Estunga luz pôde vai fichá co iou juntado.»

Vida di Camões sã unga nom-têm fim di diabura co persiguiçám, di sofriménto co amargura. Na Cêuta já riscá vida, fazê guera juntado co tudo soldado di Portugal. Ali, êle perdê unga ôlo. Cavá guera vai di volta Portugal, ficá estúrdia, já vai pará na prisám. Fichado na quatro parede, Camões começá isquevê su grándi obra «Lusíadas». Passado más quánto tempo, na Índia, torná vai guera.

Têm gente falá êle já vêm Macau, têm gente falá nunca vêm. Si já vêm, nunca vêm, nôs nom-sabe bem-fêto. Mâs si nôs pôde uví coraçám di tudo nôsso gente, pramor di acunga grándi obra, Camões tudo sempri têm na coraçám di nôsso Macau.

Na vanda di Camboja, já cai na mar. Co unga ôlo olá lóngi, co unga braço nadá; otrunga braço ta pegá su «Lusíadas» pa salvá. Chegá Goa, ficá vitimado pa tánto intriga, torná passá privaçám, torná ficá preso. Cavá sai di prisám, já vai di volta Portugal.

Tánto virá, qui su «Lusíadas» já sai vêm fora. Rê Dom Sebastiám mandá dá unga migalha di pensám pa Camões. Somente quinze mil «rês» na cadunga áno; más pôco qui sete pataca na unga mês.

Na fim-fim di su vida, Camões cai doente, passá miséria. Unga iscravo qui já vai di Índia co êle, corê rua pedí esmola pa

Camões nádi morê di fome. Estunga grándi home, estunga nom-pôde más di capaz poeta português, di más grándi qui Humanidadi já conhecê, estunga letrado di valor, co tudo su sabedoria qui nom-têm comparaçám, fichá su ôlo pa sempri, na 10 di Junho, áno 1580, pinchado na unga trapo vêlo, isburacado, na riva di unga tabíqui pôdre, onçôm abandonado. Ai, vida! Ai, ingratidám di home-home!

*

Hoze, tudo filo bom di Portugal ispalado na mundo intéro ta celebrá co respêto estunga dia qui Luís Vaz di Camões já fichá ôlo, têm quatrocento áno passado. Nunca faltá gente di mau sentiménto pa vêm caçoá di Camões, buscá estória di más suzo pa enfeá su nómi, estunga nómi guardado na altar di Pátria, qui já erguí assi alto acunga nómi respetado di nôsso Portugal.

Vida sã assi... Quelê-môdo nôs pôde achá somente gente bom? Únde têm coraçám bom, tamêm lôgo têm mau, co tudo laia di podridám.

Nôs hoze vêm aqui papiá di Camões na língu di nôsso Macau antigo, língu cristám qui nôs sentí Camões já entendê, si sã divera qui êle já vivo na Macau. Ninguim já encomendá estunga sermám; sã nôs onçôm querê vêm. Na tudo nôsso vida, nôs tudo ora guardá respêto pa Camões co su obra invejado.

*

Agora, nôs ta vai recitá dôs pê di posia di Camões isquivido co nôsso péna esbranquiçado na humilde língu di nôsso Macau antigo:

Tudo gente bom iou sempri olá passá
Na vida qui grándi sofriménto;
Pa iou más ispantá,
Olá gente mau tudo ora nadá
Na mar di tudo cententaménto.

Pensá qui lô ganhá d'estunga manéra
Tudo bô ancuza assi mal regulado,
Iou já ficá mau, mâs já sai castigado:
Sô pa iou, sã divera,
Mundo ta andá indiretado.

Estunga posia sã chomá «Esparsa ao Desconcerto do Mundo». Agora vosôtro uví «Descalça vai para a fonte»:

Discalço ta vai fónte,
Leonor pisá chám esverdeado;
Quelê formosa, ta vai co cuidado.

Na cabéça, unga pote piquinino,
Na mám di prata su támpa;
Cinta di chita vemêlo fino
Co saia di séda estámpa,
Colete di tudo dia vestido,
Más bránco qui neye caíndo,
Quelê formosv, ta vai co cuidado.

Xale abrí, mostrá piscoço,
Co tránça di cabelo dorado
Prendido co listám sedoso.
Di bunita qui mundo ficá ispantado.
Caído nêle tánto doçura,
Pa d2 graça su formosura,
Quelê formosa, ta vai co cuidado.

Nôs agora ta vai recitá acunga sonéto qui onçôm já fazê pa nôsso grándi Camões.

Camões, Grándi na Naçám

Poeta qui onçôm capaz cantá
Tudo estória di nôsso Portugal;
Poeta qui isquevê pa mundo olá
Grandéza d'alma, gente sim igual.

Quánto miséria na vida passá,
Atormentado pa sina fatal;
Poeta co talénto levantá
Fáma di su quirido Portugal.

Luís di Camões sã nómi isquivido
Co ternura na nôsso coraçám,
Lembrado co doçura na uvido.

Na vida fuzi di persiguiçám,
Vôs, quelora quelê disconhecido,
Agora sã qui Grándi na Naçám!

ADAPTAÇÕES

IOU-SA DÓCI ALMA

(Adaptação no dialecto macaense do soneto «Alma minha gentil», de Camões)

Alma, iou-sa dóci alma qui já vai,
Qui azinha, triste, di estunga vida;
Discansá ali-riva na Ceu pa sempri,
Dessá iou vivo na tera tud'ora triste.

Si na casa di Dios únde vôs ta ficá,
Lembrança di vida pôde guardá,
Nom-mestê isquecê acunga amor puro,
Qui na iou-sa ôlo limpo vôs j'olá.

Uví: Si pa vôs têm merecimento
Acunga dor qui já ficá co iou,
Di mágoa di perdê vôs sim remédio,

Pedí Dios, qui já encurtá vôsso vida,
Pa azinha levá iou vai juntado,
Como azinha tirá vôs d'iou-sa vista.

MUNDO DISCONCERTADO

(Adaptação no dialecto macaense de «Esparsa ao Desconcerto do Mundo», de Camões)

Tudo gente bom iou sempri olá passá
Na vida qui grándi sofriménto;
Pa iou más ispantá,
Olá gente mau tudo ora nadá
Na mar di tudo contentaménto.

Pensá qui lô ganhá d'estunga manéra
Tudo bô ancuza assi mal regulado,
Iou já ficá mau, mâs já sai castigado:
Sô pa iou, sã divera,
Mundo ta andá indiretado.

DISCALÇO TA VAI FÓNTE

(Adaptação no dialecto macaense da redondilha «Descalça vai para a fonte», de Camões)

Discalço ta vai fónte
Leonor pisá chám esverdeado;
Quelê formosa, ta vai co cuidado.

Na cabéça, unga pote piquinino,
Na mám di prata su támpa;
Cinta di chita vemêlo fino
Co saia di séda estámpa,
Colete di tudo dia vestido,
Más branco qui neve caído,
Quelê formosa, ta vai co cuidado.

Xale abrí, mostrá piscoço,
Co tránça di cabelo dorado
Prendido co listám sedoso.
Di bunita qui mundo ficá ispantado.
Caído nêle tánto doçura,
Pa dá graça su formosura,
Quelê formosa, ta vai co cuidado.

MÁXIMAS — PENSAMENTOS — SENTENÇAS

extraídos de obras

de

CAMÕES

e adaptados no dialecto macaense

Quim erguê na coraçám
Mal grándi pa vêm maltratá,
Lô afugentá tudo estimaçám.
Qui foi? Unde têm águ pa mulá,
Fogo di amor onçôm lô apagá.

*

Tudo ancuza impossível,
Sã más bom isqucê qui querê.

*

Di unga fiel, divera amigo
Nuncassá susto ninhunga perigo.

*

Amor, quelora contente,
Lôgo sempri enganá gente.

*

Iou nunca conhecê amor
Qui durá tánto tempo,
Qui nádi trazê dor.

*

Coraçám qui sabe pressintí
Nádi enganá.

*

Ambiçám nádi ficá farto co riquéza.
Unde têm más lenha,
Sã lôgo pegá más fogo.

*

Quim vivo contente,
Lô vivo co susto;
Mal qui nom-pôde sentí,
Sã más perigoso.

*

Sã lei di naturéza
Qui nádi mudá, ta fêto pa sempri:
Trás di tudo bêm lô vêm inf'licidade;
Nom-têm prazer qui lô durá pa sempri.

*

Sá fáci botá na diánte di ôlo
Tudo ancuza qui nôs querê,
Onçôm pegá pintá.

*

Quim sempri vivo di unga manéra,
Masqui vivo na pobréza,
Nunca si olá riquéza,

Nunca si olá onçôm vivo pobre,
Sã nádi ganhá pa perdê;
Mâs lôgo ganhá co vida igual
Di quim nom-têm riquéza nádi sentí mal.

*

Cuza sã Dios, ninguim pôde entendê;
Capacidade di gente nom-pôde istendê.

*

Ai, glória di mandá! ai ambiçám
D'estunga vaidade qui nôs chomá fáma!

*

Bêm fuzí, na corida,
Mal ta crecê co ano di vida;
Vagar-vagar nôs lôgo cavá
Olá qui tudo sã pa enganá.

*

Ai, caminho di vida assi falso!
Unde nôs botá nôsso esperança,
Sã vida lô faltá sigurança.

*

Filiz sã quim pôde vai
Pa vôs, sánto chám di tudo gente,
Co coraçám discansado, penitente,
Qui, cavá subí, di vôs ta sai
Pôde discansá ali-riva logomente.

*

Quim sã corajoso, valente,
Na meo di um-chinho gente co medo,
Nádi mostrá fórça. Qui foi?
Na meo di coelho ficá liám sã fraquéza!

*

Hónra grándi, nómi eterno,
Nádi dá ôtro compensaçám
Pa gente; lôgo dá inferno
Co dor di coraçám.

*

Nom-têm alma sim corpo qui pôde fazê tánto corpo sim alma como estunga purgatório qui vôs chomá hónra: únde tánto vez nôs pensá ta ganhá, más certo sã ta perdê.

*

Inveja di ôtro gente nádi pôde tirá
Bêm qui vôs merecê, Ceu querê dá.

*

Quim querê têm juízo nunca-bom têm amor.

*

Unga frade mau na-más, lôgo chegá pa gente falá di convento.

*

Di unga mal ôtro lôgo vêm na trás;
Nom-têm mal qui onçôm vêm.

Quim infiliz têm unga mal,
Pôde preparâ pa sofrê más unga mal;
Assi azinha sabe qui têm,
Sabe qui têm unga mal,
Sã más unga ta corê trás.

*

Qui cuza sã mal disenfreado?
Certo lô vivo enganado
Quim querê fazê vida,
Pisá chám erado.

*

Na ora di grándi perigo,
Susto sã quelê más grándi qui perigo.

*

Morte sã acunga terível, fatal
Dívida qui Adám já fazê, nôs ta pagá.
Tudo gente têm destino igual;
Morê nunca-sã morê: sã vai na diánte.
Cavá morê lô têm vida constánte.
Quim nacê sã nádi pôde esquivá,
Passá estunga bêco istrêto,
Pa vai únde nôs tudo têm-qui vai drêto.

*

Verdade, Amor, Mereciménto, Razám
Dá segurança, fazê gente forte;
Mâs Fortuna, Casualidade, Tempo, Sorte
Têm mundo transtornado na mám.

*

Ai, mundo ingrato, cegado, sim cuidado,
Inchido di falsidade pa enganá,
Co assi tánto pecado co vício!

*

Unde razám ta governado pa vontade, lôgo têm tánto pa praguejá, bêm-di pôco pa lová.

*

Unga rê fraco lô fazê gente fraco co gente forte.

*

Tristéza na coraçám sã ramendá bicho na páno.

*

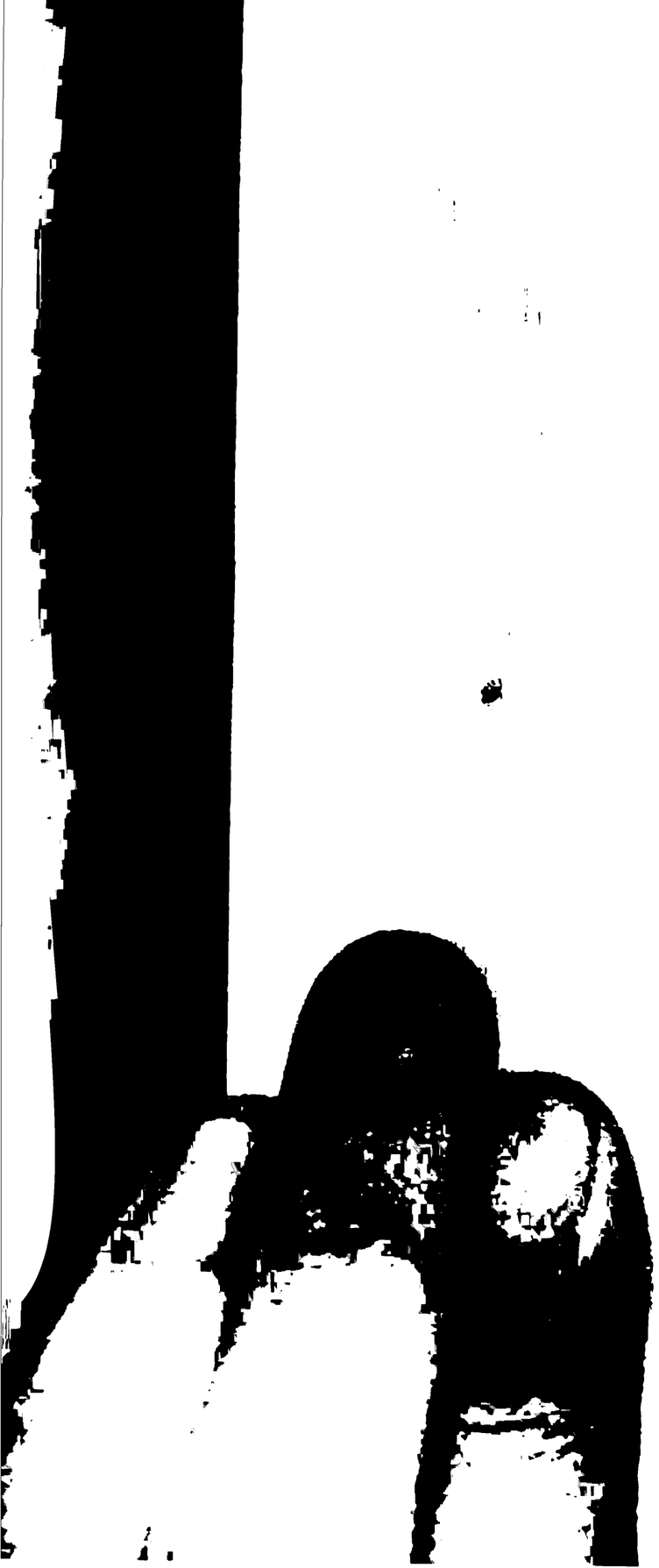
Hoze-em-dia, ó sã vivo na mundo co verdade, ó sã co verdade vivo sim mundo.

*

Tudo lô passá;
Tempo sô sabe escapulí;
Nôs olá nôsso vida escasseá,
Di assi azinha fuzí,
Qui quelora começá, já acabá.

*

Filiz sã quim di Ceu sã assi amado
Qui na mundo têm sorte passá vida
Livre di dor, livre di cuidado.



*

Quim desprezá vida, sã lô saiám olá gente estimá vida; quim dá aprêço pa vida, sã lô saiám olá gente desprezá vida.

*

Vida
Passado co tánto cuidado
Escusado,
Dependente di vai-vêm di sorte,
Nunca sã vida qui dá vida,
Sã divera morte.

*

Estunga ma-peça di Fortuna sã ta bêm di perto di nôs: dessá nôs querê más tánto, ancuza qui más trabalo achá.

*

Mundo, vôs sã unga lugar
Unde nôs largá nôsso vida
Aguado co sôpro di ar;
Dependê di vôs si otrunga vida
Lô recebê mal ó recebê bêm
Estunga vida qui nôs agora têm.

*

Mudá tempo, mudá tamêm vontade;
Mudá gente, mudá esperánça.
Mundo intêro sã fêto di mudánça,
Sempri ta buscá novo capacidade.

*

Soltá ai co gemido na vento
Sã manéra falso di curá tristéza.

*

Qui-foi gente lô guardá recordaçám
D'ancuza qui já passá, si tudo lô passá,
Sômente lôgo co nôs ficá
Tristéza co dor di coraçám.

*

Povo costumado vivo na grandéza
Lô chomá duro
Tudo lei qui sã suave, sã justo.

*

Filiz sã gente triste qui morê
Na coméço di desgraça qui nádi
Chegá sentí,
Di vagar qui tudo desgraça corê.

SEGUNDA PARTE

POESIA

(DIALECTO MACAENSE)

NOSSO PORTUGAL QUIRIDO

--Soneto dedicado à Pátria amada--

Nôs-sua Pátria, assi grándi Naçám,
Semente d'árvre di nôs-sua existéncia,
Razám di nôs ta vivo co concéncia,
Na Mundo, na meo di tudo naçám.

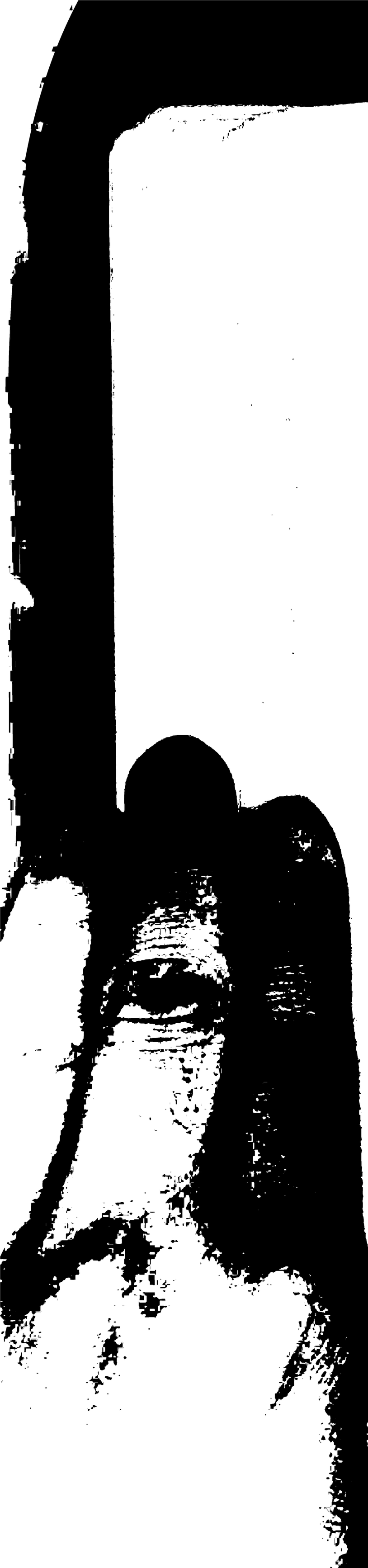
Vôs, Portugal, vôs sã tudo razám,
Na nôs-sua pensaménto acunga Mundo,
Di nôs-sua alma amor quelê profundo,
Tudo ancuza di nôs co devoçám.

Tánto príncipe, rê, navegador,
Herói, sánto, qui tánto fazê estória!
Co talénto cantá vôs-sua glória,

Vôs-sua gente-sa obra co fervor,
Poeta capaz co um-cento di letrado,
Pramor di vôs-sua nómi abençoado.

*

Nom-mestê reva, vôs, nôs-sua quirido,
Olá nôs co mám fraco, 'zajetado,
Astrevê vêm co péna esbranquiçado
Pa fazê vôs-sua nómi más erguido.



Qui astreviménto más sã pôde têm,
Quim, co unga humilde papiaçám,
Vêm falá di vôs pa mundozarám,
Vôs qui na Mundo sã grándi tamêm.

Astreviménto sã têm su razám:
Tera únde nôs-sua língu já nacê
Chomá português sã sempri querê.

Qui-foi tamêm? Na nôs-sua coraçám,
Vôs, masqui vivo lóngi, têm na perto,
Nôs-sua amor pa vôs sã di más certo!

NÔSSO BERÇO SANTO

Co bénça divino,
Na tera distánte
Macau já nacê.
Nacê piquinino,
Na meo di gigánte
Onçôm já crecê.

Pa Dios destinado,
Su porta aberto
Pa mundozarám;
Macau abençoado,
Qui lóngi, qui perto,
Ispalhá fé cristám.

Nôsso bérço, bérço sánto,
Vôs, Macau, sã tera fêto di encánto.
Qui na guera, qui na paz,
Filo bom di Portugal,
Como vôs nom-têm igual,
Nom-têm más.

Quelora crecido,
Ficá cobiçado,
Sofrê privaçám.
Su povo quirido
Sai lágri churado
Di su coraçám.

Macau adorado,
Di sonho florido,
Torná já crecê.
Co fé redobrado,
Di Dios protegido,
Sã nádi morê.

Nôsso bérço, bérço amado,
Vôs, Macau, di Portugal sã filo honrado.
Dia triste onçôm sofrê,
Têm riquéza repartí,
Qui di mundo têm aqui
Pa colhê.

NHÓNHA PORTUGUÉSA

Dedicado a todas as Mulheres Portuguesas que, em terras distantes, viveram, cheias de fé e coragem, horas difíceis e tormentosas.

Nhónha capaz, nacido portuguésa,
Disdi quiança amostra di candura;
Coraçám assi inchido di ternura,
Costumado pruvá fel di tristéza.

Fortidám qui na hora d'incertéza
Sabe comportá co grándi bravura;
Ôlo pisado di mil amargura,
Sabe olá Dios co tánto firméza.

Alma di ánjo qui sabe entendê
Lágri amargo di quim triste churá,
Inchido di amor, sabe sofrê.

Sã vôs, nhónha qui Pátria sabe honrá;
Pa vôs, graça di Ceu lôgo decê,
Pa vôs, bénça di Dios lô deramá!

LÓNGI DI SU TERA

Dedicado a todos os Amigos que se encontram longe da sua terra amada.

Lóngi di tera amado,
Su pensaménto prendido ali...
Vivo disconsolado,
Qui di tristéza nádi sentí;
Onçôm olá su vida
Abandonado na solidám,
Lóngi di su quirida,
Co alma inchido di iscuridám.

Sã sonho di tudo gente,
Vai di volta pa tera únde nacê...
Quim nádi assi sunhá?

Tudo anôte na ora di vai durmí,
Rezá inchido di fé,
Pedí estunga grándi graça:
Olá di nôvo nôs-sua tera,
Olá Sol nacê pramicedo,
Andá na lugar únde nôs otrora corê...

Quelê lóngi, quelê tánto tempo passado,
Coraçám sã nádi mudá,
Lôgo guardá esperánça,
Vai di volta pa tera qui nôs divera querê.

Únde têm más pobréza
Qui unga alma vazio di amor?
Mundo nom-têm beléza
Quelora vida perdê su cor.
Sono entristecido,
Sunhá co tera únde nacê,
Su coraçám dorido,
Mortificado di padecê.

Su coraçám dorido,
Mortificado di padecê.

BRASIL

Brasil
Di filiz brasiléro,
Tera di carnaval,
Co su alegre sambéro...
Pa Brasil nôs vêm cantá,
Co Brasil prendê sambá,
Burifado di amor...
Brasil, sômente vôs, Brasil!

Brasil, filiz achado di Cabral,
Dóci lembrança di passado,
Filo di nôs-sua Portugal...
Brasil, Brasil vôs quánto más
Co alma jóvi vêm sambá,
Más alto-alto lôgo empê,
Quirido más lôgo ficá...
Sã!... Quelora vôs onçôm crecê,
Mundo intéro achá
Quánto vôs ta merecê,
Brasil, sômente vôs, Brasil!

Brasil, di alegre sámba capital,
Portám aberto pa Macau,
Como vôs nádi têm igual...
Brasil, Brasil têm coraçám,
Co alegria acolhê,
Na alma di vôs-sua Naçám,
Quim vôs-sua porta vai batê...
Sã!... Quelora vôs botá fervor,
Mundo intéro olá
Quánto vôs têm di amor,
Brasil, sômente vôs, Brasil!

OLÁ BÔBO

Cara limpo, cara suzo,
Vestí bôbo tudo iscondê;
Chacha vêla lôgo olá
Si pôde jóvi parecê.
Dominó quelora suzo,
Nina-nina sã nádi usá;
Masqui seza Carnaval,
Nho-nhónha nunca sã igual!

Aqui bôbo, olá bôbo,
Ta passá na basso di janela!
Aqui bôbo, olá bôbo,
Tirá máscara pa nôs olá!
Nhónha jóvi, nhónha vêla,
Qui capaz vai junto pandegá;
Bôbo tudo sã igual,
Qui muchado, qui donzela,
Vida sã unga Carnaval!

Gente pobre, gente rico,
Vestí bôbo pa divertí;
Chacha certo sabe olá
Si vôs sã vêm pa chicurí.
Tio Chai-Chai co Tico-Tico,
Olá saia mám ta cuçá;
Masqui seza Carnaval,
Hóme-hóme nunca sã igual!

Aqui bôbo, olá bôbo,
Ta passá na basso di janela!
Aqui bôbo, olá bôbo,
Tirá máscara pa nôs olá!
Nhónha jóvi, nhónha vêla,
Qui capaz vai junto pandegá;
Bôbo tudo sã igual,
Qui muchado, qui donzela,
Vida sã unga Carnaval!

MACAU SÃ ASSI

Telado qui vêlo
Co rópa sugá;
Escada istrêto,
Janela co fula,
Nho-nhónha cantá.

«Min-pau quente-quente!»
Padéro gritá.
Sol fórti na riva,
Têng-têng-lou na basso,
Assi sã Macau.

Chiste qui papiá na Guia
Corê vai Dona Maria,
Chegá cedo San-Ma-Lou.
Bêm-di azinha ficá dôdo,
Ta pulá na tudo bóca,
Chunambéro pa Lilau.
Nhum falá Macau sã grándi?
Qui-fôi?
Nôs sentí qui nunca sã.
Sai vêm rua cedo-cedo,
Vai di Bara-Porta Cerco,
Olá gente conhecido.

Abrí unga janela,
Masqui seza alto,
Nhu-nhum nuviléro
Corê vêm gudám,
Azinha iscutá.

Começá mà-língu,
Tudo corê vêm.
D'istunga manéra,
Na casa intéro,
Quim lôgo iscapá?

Chiste qui papiá na Guia
Corê vai Dona Maria,
Chegá cedo San-Ma-Lou.

Bêm-di azinha ficá dôdo,
Ta pulá na tudo bóca,
Chunambéro pa Lilau.
Nhum falá Macau sã grándi?
Qui-fôi?
Nôs sentí qui nunca sã.
Sai vêm rua cedo-cedo,
Vai di Bara--Porta Cerco,
Olá gente conhecido.

CAPACIDADE DI NÔSSO MACAU

Nôsso Macau di capaz
Qui ramendá 'nga balám:
Suprá, suprá, crecê más,
Bulí, bulí, tremê chám!

Ne-bom vosôtro, nhu-nhum,
Ánsia suprá dimasiado.
Qui susto si uví 'nga «pum»!
Balám ficá rabentado!

Pa tudo vánda sã chiquismo,
Co progrésso disenfreado.
Co selea janotismo,
Nôs ta sunhá acordado!

Quanto-cento casarám
Ta erguí pa tudo lado.
Rico ganhá dinherám,
Pobre churá lágri azedado.

Têm casa qui sai erguido
Pa embelezá cidade;
Sai di chám fino-chipido,
Ramandá piscoço di áde.

Quim têm casa di Govérno,
Qui bom pagá rénda.
Quim nom-têm sã 'nga inférno;
Más bom sa vai armá ténda.

Rénda qui gente agora
Pagá quánto mês juntado,
Sã más tánto qui otrora
Custá 'nga casa comprado.

Fábrica qui Macau têm,
Inchí béco co travéssa.
Gente capaz corê vêm,
Co sapiéncia na cabéça.

Tudo laia inovaçám,
Têm gente sabe fazê;
Si vôs querê balichám,
Sã onçôm têm-qui gemê.

Querê águ pa lavá?
Virá mám abrí tornéra.
Querê luz pa lumiá?
Nuncassá candia-céra.

Tornéra si sã pingá,
Corê vai cartá boiám.
Luz elétrica falhá,
Cuzinhá na iscuridám.

Na ora qui nom-têm luz,
Azinha sandê lampiám.
Nom-têm águ pa cucús,
Ne-bom sentá, cai pê-mám.

Tánto rua di Macau,
Ai, divera qui coitado!
Ta fêto chachau lalau,
Roda di áno quebrado.

Unga vêm tambá, tambá,
Botá mate pa cubrí;
Otrunga torná quebrá,
Bariga torná abrí.

Chuva quelora aguá,
Rua ficá inundado.
Quim têm bote pa remá,
Pôde vai pa tudo lado.

Macau têm más caréta
Qui grám-grám di aroz pulú.
Chacha sai di valéta,
Dobrá joelho, ficá vantú.

Novémbro di tudo áno,
Nôs sã imprestá Macau
Pa qui tánto máno-máno
Fazê Grám-Pri di Macau.

Cavá virá costa vai,
Macau ficá sossegado.
Ilôtro falá «bai-bai»,
Nôs sentá pussá bafado.

Macau azinha lôgo têm
Unga treméndo aropôrto.
Aropláno qui lô vêm,
Fazê Kaitak ôlo tôrto.

Nôsso mar lô ficá fundo,
Co unga portozarám!
Vapor vêm di tudo mundo,
Vai pará na Coloán.

Quelora nôs vai Eropa,
Nuncassá passá Ongcông;
Erguí sono, usá rópa,
Azinha têm na Sa-Iông.

Bánco qui Macau ta abrí,
Nunca sã pa boboriça:
Quim fazê fortuna aqui,
Nuncassá corê vai Suíssa.

Sã, nunca-sã bunitéza,
Nôsso Macau di agora?
Tufado na su beléza,
Papo tamêm ta vêm fora.

Gente antigo susto-susto,
Mêdo balám rabentá.
Macau, masqui robusto,
Nádi pôde aguentá.

MACAU DI AGORA

Ai, qui saiám nôsso Macau,
Vagar-vagar perdê su chiste;
Tudo ancuza, unga chachau,
Qui tánto rôsto ficá triste.

Nôs virá cara olá nhu-nhum,
Barba ramendá môro-môro;
Nhónha-nhónha ficá murúm,
Panhá susto, gritá socoro.

Tánto gente quelê capaz,
Tudo ancuza sabe fazê.
Politiquéro têm di más;
Di tánto qui nôs ta gemê.

Sapeca qui ramendá fruta,
Nacido di árvre vêm fora.
Camões, metido na su gruta,
Ficá más ca-cai qui otróra.

Nôsso mar co pónti empido,
Fazê Macau sentí janota.
Nhónha co cintura chipido,
Vestí su calçám, usá bota.

Quiança-quiança agora na escola,
Nuncassá lembrá istudá.
Pinchá na cánto su sacola,
Virá ôlo, ta namorá.

Nôsso Chacha olá su Macau
Vivo assi tôrto-ravirado,
Falá diabo divera mau,
Fazê nôs tudo bagateado.

POÉMA DI AMOR

Co sentiménto, nôs dôs cantá
Acunga poéma di bom sabor
Qui ta fazê nôs lembrá,
Pa tudo sempri, acunga amor.

Dóci amor qui já merecê
Lágri churado na solidám!
Quim más padecê
Sã nôsso coitado coraçám.

Acunga poéma di amor qui nôs
Vida intéro nádi isquecê,
Sã adocicado pa dôs
Alminha triste qui ta sofrê.

Lua na Ceu qui já lumiá
Nôsso caminho di puro amor
Têm na riva ta olá
Nôsso dôs coraçám churá di dor.

DÁLE VÔS

Nina di «show», dispido, cantá
«Parlez vous»!
Títi qui-reva, respondê
— Dále vôs!
Tio gabirú, quelora uví,
Já sai su voz onçôm gritá:
— Hozi anôte iou vai co vous!

Tio olá «show», cantarolá
«Parlez vous»!
Nina uví já respondê
— «Oui, beaucoup»!
Tio trapalhám, cuza intendê,
Pa vai gritá pa Nina uví:
— Iou querê olá «beaucoup»!

Nina vêm perto, ri qui ri,
«Parlez vous»!
Tio já erguí, virá falá:
— Querê vôs!
Pê ligéro, onçôm trepá,
Qui cai calçám, co voz gritá:
— Iou querê chubí pa vôs!

Títi olá su nhum bailá
«Parlez vous»!
Ôlo abrí, bóca goelá
— Ai, sã vôs?
Asa na pê, pau na mám,
Títi zinguá, sai voz gritá:
— Quim agora sã «beaucoup»?
Tio cai na chám, fêto ching-cháng,
«Parlez vous»!
Nina corê, Títi goelá
— Dále vôs!
Gente na «show» susto olá,
Botá fuzí, estoporá:
— Vai co diabo «parlez vous»!

BÊM-DI CHÍQUI

Macau agora sã quelê capaz,
Vôs vêm olá,
Púfi di chíqui!
Ficado grándi qui nom-pôde más,
Vôs lôgo olá,
Divera chiqui!
Ne-bom vôs dôdo vai pulá na mar,
Mostrá capaz,
Pôde vai à-píqui...
Ai, qui ramêde si na meo di mar
Panhá bronquite...

Macau agora já prendê cantá
Tra-la-la-lá,
Púfi di chíqui!
Nom-têm ancuza qui nôs nádi achá,
Vôs pôde olá,
Sã, nunca, chíqui?
Qui susto si nôs tudo pegá mám,
Pulá, pulá,
Qui panhá xilíqui!
Em viz di cáma, lô pará na chám,
Co dôs tabíqui!

Ancuza que agora nôs más têm,
Francês falá
Sã «politique»!
Progrésso têm pa vôs vangueá, tamêm
Francês falá
Sã «magnifique»!
Más bom sã nôs juntado vêm cantá,
Tra-la-la-lá,
Pa ficá más chíqui...
Ne-bom vôs môno onçôm sentá churá...
Ai qui «tragique»!

MAI, IOU-SUA MAI

Mai, iou-sua Mai, dóci amor,
Luz di iou-sua Sol, iou-sua calor,
Tudo vôs sã, quirida Mai,
D'iou-sua filiz coraçám.

Quelora iou quiança, sã vôs
Tudo ora olá si iou ta filiz;
Quánto amor, mimo sim fim,
Mai vôs guardá sô pa iou.

Felicidade qui iou já gozá,
Sã vôs qui já dá;
Tudo carinho qui mundo têm,
Mai sã vôs qui já dá pa iou.

Bénça di Ceu, vôs já pedi
Pa iou-sua vida têm paz.

Mai, iou agora já crecê,
Tudo pa vôs, dá iou querê.
Vôs-sua amor, iou lô guardá,
Pa sempri na coraçám.

FULA DI AMOR

Fula cheroso qui iou ta semeá
Na dentro di coraçám...
Fula qui iou têm ora regá
Co margo lágri di dor.

Sã di amor estunga fula
Qui iou-sua coraçám
Onçôm semeá pa vôs.

Qui cheroso estunga fula
Semeado pa nôs dôs,
Na iou-sua coraçám.

Fula qui cheroso,
Espinhoso,
Sã semeado co lágri triste,
Bêm-di triste,
Qui iou churá di amor,
Co duro espinho di dor.

ROSINHA BUNITÉZA

Rosinha bunitéza,
Di rôsto qui rosado;
Quelora contemplá vôs-sua beleza,
Iou qui azinha lô ficá babado.

Di amor quelê inchido,
Iou têm unga coraçám pa dá
Pa vôs, Rosinha, quirubim quirido,
Tomá, fila, vêm tomá.

Rosinha bunitéza,
Co su chapêu floriado,
Onçôm qui ramendá unga princésa,
Ta corê vêm chapá na iou-sua lado.

Iou ta quelê contente,
Qui daretido ta ficá,
Quelora vôs, Rosinha, soridente,
Iou-sua coraçám tomá.

Rosinha bunitéza,
Di saia cor-di-rosa;
Onçôm qui ramendá unga princésa,
Dessá iou vêm olá iou-sua chistosa.

Iou ta quelê contente,
Juvenicido ta ficá,
Quelora vôs, Rosinha, soridente,
Iou-sua coraçám tomá.

LORCHA DI BARQUÉRO

Nacunga mar,
Barquéro remá,
Remá, remá...
Su lorcha vagar
Ta baloiçá,
Onçôm deslizá,
Nacunga mar.
Estréla na Ceu
Abrí, fichá,
Co lua na meo
Brilhá, lumiá
Tudo águ di mar
Únde lorcha ta deslizá vagar.

Di-repente, Ceu cai na iscuridám,
Núve preto trazê chuva,
Vento fórti vêm, ramendá tufám,
Fazê ónda dôda pilizá na mar.

Barquéro olá su lorcha
Assi discaminhado,
Dôs mám remá su lorcha,
Co tudo su fórça qui Dios já dá.

Co fé, tentá Ceu pa rezá,
Pedí Dios socorê.
Co ónda grándi lutá,
Qui susto di morê.

Dôs ora assi passado,
Gastado tudo fórça,
Já cai disconsolado,
Barquéro esperá su morte ali.

Na Ceu estréla torná cintilá,
Luz di Lua torná vêm lumiá;
Vento fórti ta abrandá,
Tudo ónda já amansá.

Filiz barquéro inchido di amor,
Olá Ceu pa onçôm gardecê,
Pa dá graça pa Senhor
Qui milagre assi já fazê.

Vai, vai, vai,
Riva di unga mar di chám,
Piquinino lorcha vai,
Bulí vai, bulí vêm.

Vai, vai, vai,
Vai co paz na coraçám,
Soridente, filiz vai,
Di esperança inchido tamêm.

Nacunga mar,
Qui grándi mar,
Su lorcha na meo,
Remá,remá...
Co luz di luar,
Lumiá, lumiá,
Estréla na Ceu,
Brilhá, brilhá,
Barquéro tentá,
Tentá, tentá,
Su casa avistá,
Já avistá,
Onçôm já olá su siara co filo-filo ali,
Rezá, rezá, ali.

ROSTO DI AMOR

Rosto di amor
Co su dôs ôlo grándi espanhol,
Ai, qui clarám,
Vôs ramendá dôs fio di luz di Sol.

Vêm, luz di amor,
Alumiá estunga coraçám
Qui já astrevê,
Co tudo paixám,
Buscá vôs pa querê.

Luz di amor
Oh, esperánça di unga coraçám
Qui vivo assi
Martirizado pa margo paixám.
Ánjo di amor
Sômente vôs têm dom pa vêm cudi
Quim já astrevê
Pensá qui amor di vôs lô merecê.

MARIA co JEGÊ

Rópa di chita vemêlo,
Ornado co dôs florám.
Laço azul na cabêlo,
Na cinta têm unga listám.
Mea di rénda tecido,
Sapato-lóna na pê,
Dôs argolinha na uvido,
Corpo torcê qui torcê...

Qui janota, Maria ta rondá
Avenida co su «pa-che»;
Quim Maria ta vai buscá?
Fórti-fórti, su coraçám batê,
Su dôs ôlo abrí, ja olá
Su chistoso nhu-nhum Jegê!

Fula vemêlo cheroso
Na su quinzéna riscado.
Calçám cumprido estiloso,
Camisa-séda bordado.
Chapêu di palha entortado,
Sapato lustro na pê,
Bigode bêm afiado,
Estunga chistoso Jegê.

Qui ligéro, Maria vai chapá
Perto di su nhu-nhum Jegê;
Coraçám sã sentí pulá,
Ôlo aberto, bêço tremê-tremê,
Cusa ilôtro ta segredá,
Ninguim más pôde intendê.

MACAU, TERA GALÁNTE

Macau sã tera galánte
Di quánto-cento papiaçám.
Tánto nhu-nhum linguaréro,
Olá nho-nhónha tentaçám.
Macau divera galánte,
Têm ora inchido di consumiçám.

Uví, nho-nhónha,
Más bom sã nôs vai divertí,
Botá 'nga saia míni-míni
Pa galo-dôdo bispá.
Qui-pôde, tud'ora vai malinguá,
Sentá na casa murúm qui murúm
Pa rabujá nhu-nhum.

Macau já ficá qui jóvi
Co laia-laia inventaçám.
Na rua nádi olá buraco,
Na casa têm televisám.
Macau nadá na pataca,
Abrí su saco sai tánto milhám.

Uví, nho-nhónha,
Más bom sã nôs vai divertí,
Botá 'nga saia míni-míni
Pa galo-dôdo bispá.
Qui-pôde, tud'ora vai malinguá,
Sentá na casa murúm qui murúm
Pa rabujá nhu-nhum.

ÍNDICE

Pág.

Obras do Autor 6
Dedicatórias 7
Introdução 11
Breve explicação — O «Patois» de Macau 15

PRIMEIRA PARTE

Luís Vaz di Camões 25
Adaptações 31
Iou-sa Dóci Alma 33
Mundo Disconcertado 33
Discalço ta vai Fonte. 34
Máximas — Pensamentos — Sentenças. 35

SEGUNDA PARTE

Poesia (Dialecto Macaense) 45
Nôsso Portugal Quirido 45
Nôsso Bérço Sánto 46
Nhónha Portuguesa 47
Lóngi di su Tera 48
Brasil 49
Olá Bôbo 50
Macau Sã Assi 51
Capacidade di nôsso Macau 53

Pág.

Macau di Agora 57
Poéma di Amor 58
Dále Vôs 59
Bêm-di Chíqui 60
Mai, Iou-sua Mai 61
Fula di Amor 62
Rosinha Bunitéza 63
Lorcha di Barquéro 64
Rosto di Amor 66
Maria co Jegê 67
Macau, Tera Galánte 68
Índice 71

Composto e impresso
na ELO - Publicidade, Artes Gráficas, Lda.
em Maio de 1982